



A imagem forte da capa de 'Wish You Were Here', uma obra-prima do rock, até hoje desperta as mais variadas sensações junto ao público

Fotos/Divulgação

# Uma sinfonia para SYD

Por **AFFONSO NUNES** | Existem álbuns que não envelhecem. Existem álbuns que atravessam gerações carregando consigo o peso de uma época, a angústia de uma sociedade e a dor de uma despedida. “Wish You Were Here”, do Pink Floyd, é tudo isso e muito mais. Lançado em 1975, quando a banda ainda digeriria o estrondoso sucesso de “The Dark Side of the Moon”, o disco tornou-se uma resposta angustiada do quarteto inglês à fama, uma reflexão sobre ausências e, sobretudo, uma carta de amor e culpa endereçada a Syd Barrett, o gênio perdido que ajudou a fundar o grupo antes de sucumbir aos problemas de saúde mental. Agora, meio século depois, a Sony Music prepara o lançamento de uma edição comemorativa que chega em 12 de dezembro com uma novidade para emocionar a legião de fãs da banda espalhada pelo mundo: a faixa “Shine On You Crazy Diamond” é finalmente reunida em uma única peça contínua de 25 minutos, com nova mixagem estéreo assinada por James Guthrie. **Continua na página seguinte**



# O diamante recompuesto

**P**ara quem cresceu ouvindo o álbum, a experiência de ter as nove partes da épica composição unificadas conroa uma obra que sempre foi concebida como um todo, mas que as limitações do formato em vinil obrigaram a dividir entre os dois lados do LP original. A homenagem a Barrett, construída sobre camadas de guitarra etérea de David Gilmour, sintetizadores melancólicos de Richard Wright e a base rítmica hipnótica da cozinha formada por Nick Mason (bateria) e Roger Waters (baixo), ganha agora a dimensão que sempre mereceu.

Composta por Gilmour, Wright e Waters, a canção - porque não dizer a sinfonia? - emula sentimentos contraditórios de culpa, frustração e tristeza, não apenas pelo declínio de Syd Barrett, mas também pelas falhas da sociedade e da vida moderna que acabariam por consumir aquele artista demasiadamente humano.

Um dos episódios mais arrepiantes da história da banda ocorreu justamente durante a gravação do álbum: Syd apareceu inesperadamente nos estúdios Abbey Road no dia em que os quatro colegas iniciavam a mixagem final da faixa. Irreconhecível, com a cabeça raspada e o corpo inchado, ele estava tão transformado que os antigos amigos demoraram a reconhecê-lo.

Para celebrar o legado de Barrett e o lançamento da edição comemorativa, o comediante, ator e artista visual Noel Fielding criou uma série de pinturas originais inspiradas na imagem icônica de Syd, trabalhos que ilustram o novo vídeo da versão completa de "Shine On You Crazy Diamond". Fielding, conhecido por sua sensibilidade surrealista e ligação profunda com a estética psicodélica, encon-



Storm Thorgerson/Divulgação

Roger Waters e Rick Wright durante as gravações no Abbey Road Studios

## A versão DeLuxe do álbum



Sony Music/Divulgação

trou em Barrett uma referência para seguir. "Eu era muito jovem quando começou minha afinidade com Pink Floyd e Syd. Lembro de ir à biblioteca e pegar a fita de 'The Piper at the Gates of Dawn' quando tinha 12 anos. Fiquei impressionado. Não conseguia acreditar", conta o artista. Ele prossegue: "Quando comecei no stand-up, tudo era muito fantasioso. Sempre tentei escrever como Syd Barrett. Gostava do estilo dele, do jeito que andava, do jeito que falava. 'Shine On You Crazy Diamond' é uma homenagem linda a ele".

Sobre o álbum, Fielding é categórico: "O incrível no Pink Floyd, especialmente em 'Wish You Were Here', é que a arte era tão boa quan-

to a música. Quando você tem 12 anos e vê dois homens apertando as mãos, um deles pegando fogo, pensa: 'O quê?!'. E a música combina perfeitamente com isso — surrealismo puro. É tudo muito Syd Barrett. Pode ser anos 70, pode ser 2040. É passado e futuro ao mesmo tempo. É uma obra-prima, tanto a capa quanto o álbum. E tudo baseado em Syd Barrett, que é uma obra-prima ambulante."

A colaboração de Fielding se soma ao poema "Dear Pink Floyd", escrito e interpretado pelo Poeta Laureado Simon Armitage, revelado no mês passado como parte das celebrações. A edição DeLuxe Box Set incluirá esse poema como uma das preciosidades desta edição co-

memorativa.

James Guthrie, que trabalha com o Pink Floyd desde "The Wall" em 1979, assina não apenas a nova mixagem estéreo, mas também a primeira versão em Dolby Atmos do álbum, formato que promete revelar detalhes sonoros antes imperceptíveis na gravação original de 1975. Além do álbum remasterizado, a edição traz 25 faixas bônus, sendo nove raridades de estúdio que incluem versões alternativas, demos instrumentais e takes descartadas, além de 16 gravações ao vivo do lendário bootlegger Mike Millard, capturadas no show do Pink Floyd em Los Angeles em 26 de abril de 1975 e agora lançadas oficialmente pela primeira vez. O áudio dessas performances foi restaurado e remasterizado por Steven Wilson, outro nome de peso na preservação do legado sonoro da banda.

Multi-Platina, "Wish You Were Here" chegou ao topo das paradas nos Estados Unidos e no Reino Unido, tornando-se o disco mais vendido do Pink Floyd até então.

Mas esses números são apenas um detalhe na história deste trabalho que nasceu em um momento de profunda crise existencial para a ban-

da, que se via sufocada pelo sucesso de "The Dark Side of the Moon" e pelas demandas da indústria musical. A ausência de Syd Barrett, que havia deixado o grupo em 1968, pairava como um fantasma sobre o processo criativo. As cinco faixas do disco — as duas partes de "Shine On You Crazy Diamond", "Welcome to the Machine", "Have a Cigar" e a faixa-título — formam uma meditação sobre alienação, indústria cultural e a busca por autenticidade em um mundo cada vez mais mediado e artificial. E isso em 1975!

A capa icônica de Storm Thorgerson, com dois homens de negócio apertando as mãos enquanto um deles está em chamas, sintetiza visualmente essa crítica ao showbusiness e à superficialidade das relações humanas modernas.

Cinco décadas depois, o fascínio e a devoção à música do Pink Floyd permanecem inabaláveis. "Wish You Were Here" continua sendo redescoberto por novas gerações, que encontram na melancolia da guitarra lenta de Gilmour, na poesia corrosiva de Waters e na atmosfera etérea criada pela banda um refúgio e um espelho para suas próprias angústias.

A edição comemorativa, disponível em múltiplos formatos — 3LP, 2CD, Blu-ray, digital e DeLuxe Box Set —, oferece diferentes portas de entrada para esse universo. O DeLuxe Box Set é, literalmente, um luxo só: reúne todo o conteúdo dos formatos 2CD, 3LP em vinil transparente exclusivo e Blu-ray, além de um quarto LP transparente com apresentação ao vivo em Wembley em 1974, réplica de single japonês, livro em capa dura com fotografias inéditas, o poema de Simon Armitage, programa da turnê em formato de história em quadrinhos e pôster do show em Knebworth. O Blu-ray inclui ainda três filmes exibidos nos telões da turnê de 1975 e um curta de Storm Thorgerson, documentos visuais de uma época em que o Pink Floyd expandia os limites do que significava ser uma banda de rock.

Produtos exclusivos e merchandising comemorativo estarão disponíveis em breve no site oficial da banda.

# Andrea Bocelli abre o natal de São Paulo

Tenor italiano emociona público paulistano com concerto gratuito no Pacaembu, no projeto 'Natal Para o Bem'

Por **Pedro Sobreiro**

**Q**uanto custa presenciar a história? Para os sortudos que compareceram à primeira edição do “Natal Para o Bem”, realizado na quinta-feira (20), na Praça Charles Miller, em frente ao estádio do Pacaembu, em São Paulo, não custou nada.

Isso porque o tenor italiano Andrea Bocelli foi o convidado de honra do evento, que deve passar a integrar o calendário oficial da cidade de São Paulo a partir de agora. Na fria noite da capital paulistana, um palco enorme foi montado para celebrar a inauguração da imponente árvore de natal do estádio, que vem iluminando a noite de quem passa pela praça desde então.

O evento começou na parte da tarde, com a celebra-



Sand Filmes

ção do Terço Luminoso, presidida pelo Cardeal Arcebispo de São Paulo, Dom Odilo Pedro Scherer, com as canções executadas pela Del Chiaro Coral e Orquestra regida pelo maestro Danillo Del Chiaro.

Em seguida, a Orquestra do Theatro São Pedro, a Orquestra e Coral da Escola de Música do Estado de São Paulo Tom Jobim - EMESP, além do Coral Infantil do Guri, programa de educação musical do Governo do Estado de São Paulo e do Coro Canto Livre Davide Carbone, de Fortaleza (CE), subiram ao palco regidos pelo maestro Ênio Antunes.

Ele serviram de apoio para as apresentações de Paula Lima, Tony Gordon, Ivan Lins, Simone e a soprano Valentina Lassi. Com um repertório natalino, elas emocionaram o público que aguardava ansiosamente por Bocelli.

Quando o tenor subiu ao palco, as mais de 24 mil pessoas que compareceram ao evento se encantaram com canções como ‘Amazing Grace’, ‘Adeste Fidelis’, ‘White Christmas’, ‘Cantique du Noel’ e ‘Santa Claus is Coming to Town’. Por fim, após a iluminação total da árvore, ele voltou ao palco diante de uma plateia em completo silêncio para apreciar a beleza de sua voz ao interpretar “Nessun Dorma”. Nesse momento, só se ouvia a voz de Bocelli e as lágrimas do público.

Por ter sido um evento gratuito, pessoas de todas as classes sociais tiveram a oportunidade de apreciarem uma das mais belas vozes da história da música, celebrando, por algumas horas, a alegria e esperança de um feliz natal. Foi histórico.

## UNIVERSO SINGLE

P O R **A F F O N S O N U N E S**

### Cantar as raízes

Tom Ribeira lançou o single “Botucatu”, que celebra suas origens e a relação com a cidade natal no interior paulista. A canção explora temas como memória afetiva, identidade e pertencimento, evocando elementos geográficos locais como o Rio Lava-Pés e a Cuesta. A faixa integra o EP “Pedaco”, com lançamento previsto para março de 2026. “É um orgulho cantar a minha cidade. A maior parte de minhas canções até hoje foi escrita imaginando novos cenários e sentimentos a partir do que senti na vida real”, explica.

Divulgação



Washington Possato/Divulgação



### Inédita do Farofa

Em fase de retomada, o grupo Farofa Carioca acaba de lançar nas plataformas digitais o single “Rap do Negão – citações: Upa Neguinho e Negro Não Sabe O Que É Dor”. A faixa foi gravada originalmente em 1998 para o álbum “Moro no Brasil”, mas não integrou a versão final. Agora, recebeu nova mixagem e masterização. A gravação reúne os vocalistas Seu Jorge e Gabriel Moura, da formação original, com Mario Broder, atual integrante. A música aborda a experiência da população preta no Brasil, entre a discriminação e a necessidade de superação.

Julio Andrade/Divulgação



### Show resgatado

Almir Chiaratti disponibiliza em seu canal de YouTube registro em vídeo de apresentação realizada em 2023 no Sesc Nova Iguaçu. O espetáculo integra música, poesia, dança e performance, marcando o encerramento do ciclo do álbum “Frágil”, de 2021, e o início das comemorações de uma década de trajetória artística. No palco, Chiaratti é acompanhado por Federico Puppi no cello e programações eletrônicas, e Marco Lobo na percussão. A apresentação conta ainda com poesia de Tom Grito e performance de Bruno França.

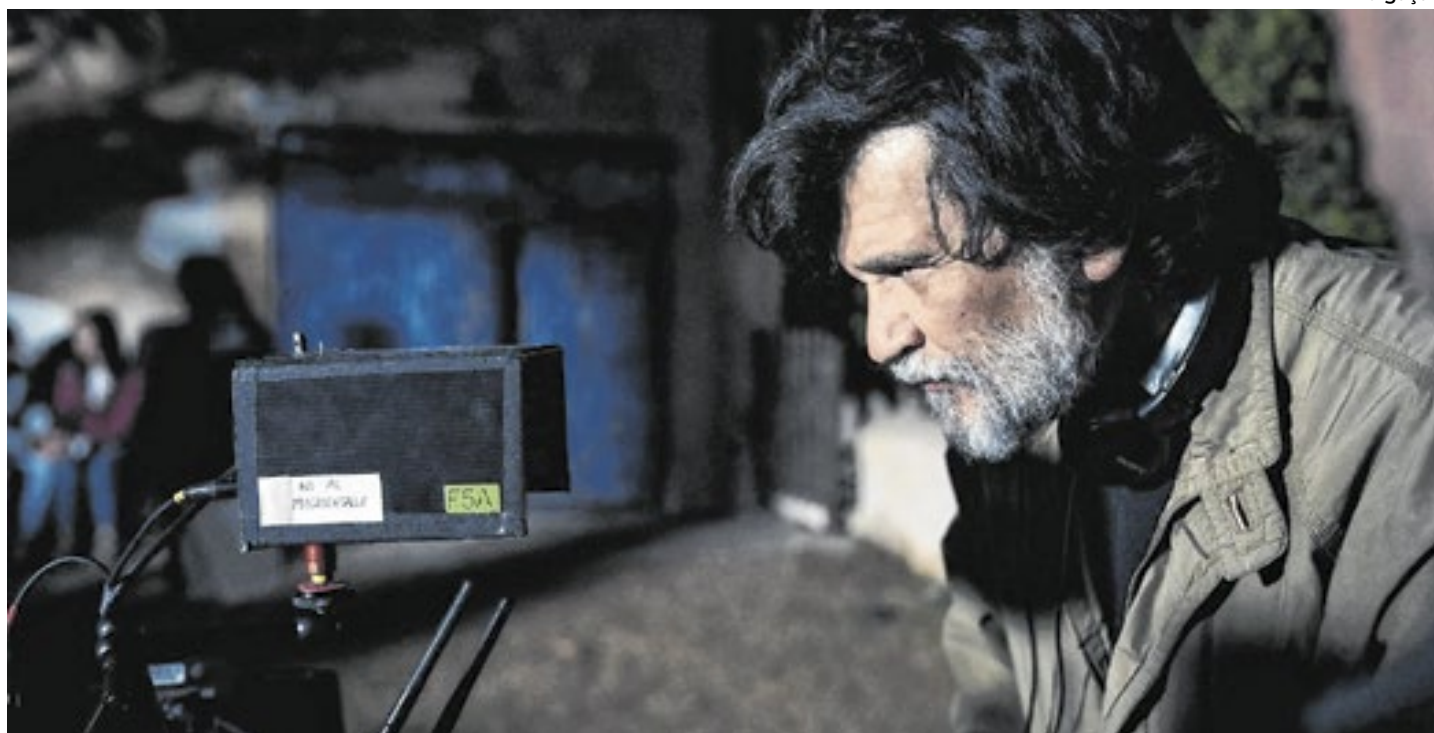


# Victor Erice,

## ARTESÃO QUE ESCANCARA ALMAS

Divulgação

Signo de mistério, com sua obra metafísica de poucos longas, a trajetória do diretor espanhol ganha tributo na Itália, que abre telas para sua obra-prima, 'Fechar os Olhos', rara no Brasil



O cineasta Víctor Erice tem sua pequena (mas brilhante) filmografia revisitada no Festival Laceno D'Oro

Divulgação

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**F**undado em 1959 pelo diretor Pier Paolo Pasolini (1922-1975), o Festival Laceno d'Oro, na província de Avellino, na Itália, investiga o futuro do audiovisual, ano a ano, sempre celebrando artesões autorais que se candidatam à eternidade no imaginário cinéfilo, incluindo aqueles que carregam uma aura de mistério, como o espanhol Víctor Erice. Aos 85 anos de vida e 52 anos de trajetória artística, o diretor receberá o troféu honorário do evento, no início do mês que vem, por sua obra - das mais cultuadas de todo o cinema europeu. Dirigiu pouquíssimo em cinco décadas. Foram apenas quatro longas-metragens: o seminal "O Espírito da Colmeia" (1973); "O Sul" (1983); "O Sol do Marmelo" (1992); e, em 2023, "Cerrar Los Ojos". O último da lista, exibido aqui na Mostra de São Paulo, há dois anos, com o título "Fechar os Olhos", virou um aríete que vem lhe abrindo caminhos - e lhe rendendo uma série de láureas - desde sua primeira projeção pública, realizada na mostra Première do Festival de Cannes, em maio de 23.

Na ocasião, o realizador irritou-se por ter sido escalado para uma mostra que não lhe dava acesso à competição pela Palma de Ouro. Mesmo assim, firmou-se como objeto de culto no mundo todo. Entrou na lista dos Dez Mais da revista "Cahiers du Cinéma", Bíblia da cinefilia



Manolo Solo e José Coronado no set de filmagens do excelente 'Fechar os Olhos', destaque na Mostra de SP de 2023



**'O Sul' ('El Sur')** concorreu à Palma de Ouro de 1983**'O Sol de Marmelo', de 1992**

desde 1951, e foi contemplado com o prémio Sophia, votado pela crítica portuguesa. O problema dos fãs brasileiros de Erice é encontrar essa joia, sem vaga no streaming, sem lugar em DVD. Em solo ibérico, a plataforma Filmin.pt assegura acesso de internautas a essa pérola.

Quem passar por Avellino durante o Laceno d'Oro, agendado de 1 a 8 de dezembro, terá a chance de ver "Fechar os Olhos", assim como os demais longas e alguns curtas de Erice. Uma masterclass do diretor – coroadado com o troféu Donostia pelo conjunto de sua carreira, no Festival de San Sebastián, em 2023 – há de movimentar o evento italiano. Erice é coqueluche.

Muito antes de Pedro Almodóvar aparecer, ali pelo início da década de 1970, num momento de jugo franquista, Carlos Saura (1932-2023) era "O" motor de resistência

para o cinema autoral ibérico até a aparição de "O Espírito da Colmeia" (Concha de Ouro de 1973 no Festival de San Sebastián). Nele, Erice ritualizou as inquietações da educação sentimental infantil de uma forma a um só tempo lúdica e política. Deu à sua Espanha natal uma obra-prima e reciclou o conceito de lirismo de uma Europa que se reinventava em múltiplas latitudes ainda sob o eco das agitações de 1968. Levou dez anos para fazer "O Sul" e mais nove até chegar ao belíssimo "O Sol do Marmelo" (1992), que ganhou o Prémio do Júri de Cannes. Desde então, restringiu-se aos curtas-metragens e ao ofício de ministrar palestras. Foi assim até "Fechar os Olhos", um filme que soa como um testamento, um adeus e um "para sempre".

Nas primeiras imagens, vemos um embate entre um ancião rico, que deseja rever sua filha, e um homem sem ocupações que é

**'O Espírito da Colmeia'** deu consagração ao cineasta ibérico**O diretor Victor Erice com o troféu Donostia que ganhou em San Sebastián, em 2023**

transformado em detetive. Não é da vontade dele virar um caçador de paradeiros, mas será seu destino, a fim de encontrar uma jovem chinesa que há de chamar o ancião de pai. Mas esse quiproquó não é o tema central de "Cerrar Los Ojos" e, sim, um filme dentro do filme. A partir dele, Erice engatilha uma reflexão sobre a finitude.

Talvez seja o mais sereno estudo sobre o fim desde "Ran" (1985). Erice não parece temer a Morte. Parece esperá-la, com calma. Já no título, "fechar os olhos", o realizador transforma em verbo (de ação) uma perspectiva de desolamento e uma (triste) impressão em relação ao futuro do cinema. É hora de descer a persiana do olhar, uma vez que o audiovisual parece inundado de algoritmos e de simulacros. Contudo, o gesto de "encerrar as atividades", traduzido por palavras na epiderme da narrativa fílmica de um já octogenário

Erice parece mais escancarar possibilidades de futuro, num paradoxo. Soa como um "sair de cena" para um cineasta que filmou pouco. Mas, para sair de cena, ele nos dá um exercício de contemplação do Tempo, e da própria arte em que militou, que bate nas telas com dimensão de espetáculo.

Sua montagem mesmerizante é capaz de descascar camadas de sentido das situações mais corriqueiras. A câmara do diretor de fotografia Valentín Álvarez flana por coloquialidades, trivialidades, como a pintura de uma parede, numa tarde de sol. Mas o gesto do pincel sob um muro, a espalhar tinta, ganha uma tessitura plástica incomum quando encarada por um Erice sedento por degustar os sentidos que as cores podem ter no écran. O mesmo se passa com as palavras, quando ouvimos: "Desaparecer... A ideia de mudar de identidade é refazer a vida em outro sítio".

É esse o estopim do enredo de Erice, ao seguir os passos de Miguel Garay (Manolo Solo, em atuação devastadora), um ex-cineasta. Ele virou escritor e hoje vive como tradutor, com a dor de saber que seu segundo e último filme foi interrompido há 22 anos. A interrupção se deu quando o astro e melhor amigo, Julio Arenas (Jose Coronado), desapareceu sem deixar vestígios. Duas décadas depois, as TVs falam desse desaparecimento, num programa de cunho policialesco. Garay se compadece não do filme inacabado, mas daquilo que deixou de ser... ou seja... de uma amizade que acabou sem um adeus, ou, pior do que isso, sem um abraço. Em busca desse abraço partido, o personagem de Solo vai enveredar por uma espiral de sentimentos – alguns duros demais. Destaca-se no elenco o trabalho de Mario Pardo como Max, um projecionista e colecionador de películas e pôsteres.

O Laceno d'Oro marcou um goloço em prol da autoralidade fílmica com essa escalação.



# Próxima parada: Marrakech



Ao fim da competição pela Pirâmide de Ouro no Cairo, circuito anual dos festivais de cinema entra em sua reta final com a maratona cinéfila do Marrocos, que tem Bong Joon-Ho no júri

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**E**spanhola de Madri, musa de Almodóvar, Carmen Maura, aos 80 anos, vai ajudar o Marrocos a competir por um Oscar com sua atuação colossal em “Calle Málaga”, o filme sensação da maratona cinéfila do Cairo que, agora, tem novo pouso em vista lá pela África árabe, onde se impõe como prata da casa: o Festival de Marrakech. Sexta-feira que vem (28), será a arrancada desse evento que, tradicionalmente, mobiliza júris estelares, de escopo hollywoodiano.

Entre as celebridades na composição deste ano destaca-se a escolha do diretor sul-coreano Bong Joon Ho (oscarizado em 2020 por “Parasita”) como presidente do time de juradas e jurados. O cearense Karim



‘63 Horas de Pânico’, de Gus Van Sant, abre o evento marroquino

## CONCORRENTES À ESTRELA DE OURO DE 2025

- \* “Aisha Can’t Fly Away” (Egito), de Morad Mostafa
- \* “Amoeba” (Singapura), de Siyou Tan
- \* “Before The Bright Day” (Tailândia), de Tsao Shih-Han
- \* “Behind The Palm Trees” (Marrocos), de Meryem Benm’Barek
- \* “Vozes Rachadas” (“Broken Voices”, República Tcheca), de Ondrej Provaznik
- \* “First Light” (Austrália), de James J. Robinson
- \* “Forastrea (Espanha), de Lucía Aleñar Iglesias
- \* “Ish” (Reino Unido), de Imran Perretta
- \* “Laundry” (África do Sul), de Zamo Mkhwanazi
- \* “Memory” (Holanda), de Vladlena Sandu
- \* “My Father and Qaddafi” (Líbia), de Jihan K
- \* “A Sombra do Meu Pai” (“My Father’s Shadow”, Nigéria), de Akinola Davies Jr.
- \* “Paraíso Prometido” (“Promised Sky”, Tunísia), de Erige Sehiri
- \* “Straight Circle” (Reino Unido), de Oscar Hudson



O longa tunisiano ‘Paraíso Prometido’, de Erige Sehiri, é um dos concorrentes deste ano à Estrela de Ouro de Marrakech

Aïnouz, realizador de “A Vida Invisível” (2019), faz parte desse time e vai julgar os 14 concorrentes da disputa oficial pelo troféu Estrela de Ouro, ao lado de estrelas como Jenna Ortega (a Wandinha da Netflix) e Anya Taylor-Joy. Não há Brasil em concurso. O egípcio “Aisha Can’t Fly Away” e o franco-tunisiano “Paraíso Prometido” estão entre os títulos de maior relevo da disputa oficial do evento, que terá o novo Gus Van Sant, o eletrizante thriller “63 Horas de Pânico” (“Dead Man’s Wire”), com Al Pacino, na abertura, em sessão hors-concours.

O Festival de Marrakech foi criado em 2001, sob uma iniciativa do Rei Mohammed VI, para fomentar intercâmbios culturais com sua pátria. Em 2018, Robert De Niro foi homenageado lá e ganhou uma festa com direito a cupcakes decorados com o seu rosto esculpido no glacê. Em sua 22ª edição, a celebração marroquina da autoralidade presta tributos ao diretor mexicano Guillermo Del Toro (com a projeção em telona e seu “Frankenstein”, já na Netflix) e à atriz americana Jodie Foster, com exibição de seu novo candidato a blockbuster, “Vida Privada”, de Rebecca Zlotowski.

O filé de Marrakech é a seção Horizontes, que apresenta 19 filmes contemporâneos (muitos deles cotados para o Oscar) que traçam um panorama do cinema mundial. Por lá vão estar medalhões como Claire Denis (“A Cerca”), Ildikó Enyedi (“A Amiga Silenciosa”), Jim Jarmusch (com o ganhador do Leão de Ouro “Pai Mãe Irmã Irmão”), Richard Linklater (“Nouvelle Vague”), Park Chan-wook (“No Other Choice”) e Jafar Panahi, que exibe o ganhador da Palma de Ouro, “Foi Apenas Um Acidente”.

Na seção 11º Continente, dedicada a autoralidades planetárias, entra em campo a argentina Lucrecia Martel com o ensaio documental “Nuestra Tierra”, sobre o assassinato do líder indígena Javier Chocobar. Ao lado dela está o galego Oliver Laxe, com “Sirât”, que representa a Espanha na caça às estatuetas da Academia de Hollywood.

O encerramento será no dia 6, com a projeção do épico “Palestina 36”, de Annemarie Jacir.



# Corpos híbridos e objetos de desejo em exposição

Julio Callado apresenta esculturas eróticas e série fotográfica Cambrianas no Coletivo Rato



*Julio Callado repensa o corpo para além de sua dimensão biológica, incorporando materialidades sintéticas e artificiais*

Por Affonso Nunes

O Coletivo Rato, espaço experimental localizado na Lapa, recebe até sexta-feira (28) uma mostra do artista carioca Julio Callado que articula duas investigações distintas sobre corpo, materialidade e erotismo. A exposição reúne dez objetos erótico-escultóricos e a série fotográfica Cambrianas, desenvolvida em parceria com Íra Barillo, Fernando Brutto e Completasso.

Integrante do coletivo Opa-

vivará!, conhecido por intervenções e instalações participativas no circuito internacional, Callado apresenta um conjunto de esculturas que tensionam os limites entre objeto artístico e dispositivo corporal. Construídas com plásticos, borrachas e outros materiais industriais, as peças funcionam como extensões possíveis do corpo humano, dispositivos que se encaixam, perfuram ou repousam sobre a pele. Mais do que representações do erótico, os objetos propõem uma experiência sensorial que desloca a percepção para o campo da performance,



transformando a relação entre corpo e matéria em ação estética.

A série Cambrianas, segundo eixo da mostra, resulta da confluência de quatro práticas artísticas distintas. O fotógrafo Íra Barillo, doutorando da UERJ e documentarista da cena noturna carioca, empresta seu olhar cartográfico sobre corpos e identidades urbanas. Fernando Brutto, historiador e performer que utiliza o próprio corpo como território de pesquisa, e Completasso, ator e pesquisador cuja tese investiga patrimônio cultural como performance, completam o quarteto de criadores.

Divulgação



O título da série remete ao Período Cambriano, fase da história geológica marcada pela rápida diversificação das formas de vida na Terra. Nas fotografias, essa referência se materializa através da fusão entre corpos humanos, próteses plásticas e objetos maleáveis, gerando criaturas híbridas que evocam tanto seres primitivos quanto entidades mitológicas. As imagens transitam conscientemente entre o grotesco e o erótico, apropriando-se de elementos do vocabulário pornográfico para subvertê-los através da experimentação visual e performática.

A proposta estética de Cambrianas repensa o corpo para além de sua dimensão biológica, incorporando materialidades sintéticas e artificiais como parte constitutiva da experiência humana. As fotografias estabelecem um território visual onde natureza e artifício perdem seus contornos definidos, apontando para novas possibilidades de existência e representação corporal.

## SERVIÇO

### JULIO CALLADO

Coletivo RATO (Rua Joaquim Silva, 70, Lapa)

Até 28/11, visitas com agendamento pelo número (21) | Entrada franca



# Até quando?

Há cinco anos escrevi sobre episódios inadmissíveis acontecidos naquele, quase, longínquo 2020. O cancelamento da tradicional homenagem ao Dia da Consciência Negra, realizada em missa de ação de graças, há 16 anos, na Igreja do Sagrado Coração de Jesus, no bairro carioca da Glória. E m Santa Catarina, a primeira mulher negra eleita para a Câmara de Vereadores da cidade de Joinville, Ana Lúcia Martins, passou a receber ameaças de morte, ataques racistas, intolerantes e preconceituosos. Em Governador Valadares, Minas Gerais, um gerente de uma loja foi humilhado por uma idosa e o episódio da rede Carrefour, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, em que um homem negro foi barbaramente espancado e asfixiado até a morte

Os quatro episódios, aqui relatados, aconteceram na semana do Dia da Consciência Negra.

Até quando perdurará tanta intolerância, insanidade, violência e preconceito? Até quando pretos e pretas vão sofrer, literalmente, na pele, tanta discriminação? Até quando?

Até quando as justificativas passarão por: “eu, até, tenho amigos negros”, como se uma frase, escandalosamente preconceituosa, resolvesse esse problema arraigado há milênios. Até quando a ‘situação estará preta’, a ‘lista será negra’ e ‘neguinho fez teve tal atitude’? Até quando?

Até quando o racismo estrutural, em plena segunda década do século XXI, se manterá? Quantos Cruz e Souzas, Rosa Parks, Malcolm Xs, Carolinas de Jesus, Martin Luther King Jrs., Zumbi dos Palmares, Angela Davis, Desmond Tutus, Josés do Patrocínio, Koffi Annan, Nelson Mandelas, Francisco José do Nascimento, Machado de Assis, Laudelinas de Campos Melo, Abdias do Nascimento, Conceições Evaristo, Suelis Carneiro, Mães Meninazinhas de Oxum, Mães Menininhas do Gantois, Manuéis Congo e Mariana Crioula, líderes intelectuais, políticos e outros, em vertentes, mais populares e tantas e tantos mais serão precisos para que essa mentalidade segregacionista, ainda que velada em alguns casos, seja definitivamente extinta? Quantos e quantas?

Até quando caráter será ‘medido’ pela cor da pele, avaliado por etnia? Até quando será necessária uma data para termos ‘consciência’ de que somos todos iguais, absolutamente iguais, independente do tom de nossa tez? Esse racismo estrutural, com origem a partir do século XVI no país, imposto pelos invasores portugueses na diáspora africana escravizando os povos africanos, que segundo eles “não tinham alma”, não pode mais perdurar. A Lei não poderá mais ser apenas “para inglês ver”. A Lei tem que ser de fato e de direito para todos e todas, como determina o artigo 5º de nossa Constituição. Respeito!

Hoje vemos iniciativas mais concretas nessa luta anti-segregacionista sem fim. Hoje atos irracionais de racismo têm sido denunciados e coibidos. Hoje mulheres e homens pretos, levantam, sacodem a poeira e dão a volta por cima, mas, ainda estamos muito longe do ideal. Muito longe do amor por todos, muito longe...

Que jamais, em tempo algum, seres humanos sejam novamente escravizados. Respeito, somos todos iguais! Não ao apagamento.

Até quando?

